



Normalidade para consumo de aço no Brasil só em 2010

O consumo aparente de aço no Brasil deve voltar aos níveis de 2008 somente a partir de 2010, prevê o Instituto Aço Brasil (IABr), nova denominação do Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS). No ano passado, foram consumidas 24 milhões de toneladas, e a previsão para o ano atual é de 18,7 milhões de toneladas, queda de 22,2%.

Segundo o presidente da entidade, Flávio Roberto Silva de Azevedo, o desempenho do setor deve ser beneficiado pela recuperação gradual da economia e pelos estímulos que estão sendo feitos pelo governo nos setores de bens de capital, construção e linha

branca. Azevedo afirmou que, no ano passado, o setor comemorou a marca de 124 kg de consumo per capita no Brasil, superando a média histórica de 100 kg. No entanto, o volume deve cair novamente para 100 kg neste ano devido à crise mundial.

Ele ressaltou que existem riscos de que a atual recuperação do mercado esteja sendo causada pela recomposição dos estoques, sem uma retomada firme da demanda. "Precisamos verificar se o crescimento dos últimos três meses é sustentável. É um momento de atenção e cautela", disse. O instituto reiterou sua previsão de que as vendas internas cai-

ão 23,7% para 16,6 milhões de toneladas em 2009.

A produção deve cair 19% para 27,2 milhões de toneladas. Apesar da previsão de queda, o setor começa a ver "uma luz no fim do túnel" e espera que o segundo semestre seja mais promissor do que foi o primeiro. Hoje, a entidade apresentou seu novo nome e logomarca. Azevedo explicou que a mudança ocorreu porque a "sociedade não identificava a palavra siderurgia com a produção de aço".

Segundo ele, "existe uma percepção errônea de que siderurgia inclui fundições, guseiros e distribuição". Desde que foi fundada, há 47 anos, a

instituição era conhecida como IBS.

Capacidade

Depois de operar com apenas 50% da sua capacidade produtiva no início do ano, o setor siderúrgico nacional trabalha atualmente com 60% a 70% da sua capacidade, segundo o IABr. O ritmo ainda é inferior aos 90% a 95% registrados no ano passado, mas sinalizam uma recuperação. Azevedo afirmou que apenas dois altos fornos estão paralisados no momento, enquanto no início do ano, seis dos 14 altos fornos existentes no país estavam paralisados.